

SESSÕES DO PLENÁRIO

26ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de maio de 2014.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial com a finalidade de fazer a entrega do título de cidadã baiana à juíza federal do trabalho Adriana Silva Nico, proposta pelo meu querido amigo, deputado Ângelo Coronel.

Convido para compor a Mesa o proponente desta sessão deputado Ângelo Coronel; o meu querido amigo, Dr. Luiz Viana Queiroz, presidente da OAB-Ba; a Srª Andréa Presas, presidente da Associação dos Magistrados; o Sr. Carlos Henrique Martins, presidente da Agersa; a Srª Eleusa Coronel, esposa do deputado Ângelo Coronel, proponente da sessão; o Sr. Mário Costa Neto, presidente da Federação das Indústrias; o Sr. José Medrado, presidente da Cidade da Luz; o Sr. Humberto Valverde, conselheiro da OAB e esposo da homenageada, e o Sr. Ney de Souza Cacim, ex-presidente da OAB de Camaçari.

(Palmas)

Designo o Cerimonial da Assembleia para conduzir a este recinto a juíza federal Adriana Silva Nico.

(A homenageada é conduzida ao plenário.)

(Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos o Hino Nacional.

(Execução do Hino nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao deputado Ângelo Coronel, proponente desta sessão, para saudar a homenageada.

O Sr. ÂNGELO CORONEL:- Bom-dia a todos.

Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, meu amigo, irmão, deputado Marcelo Nilo, Sr. Presidente da OAB, Dr. Luiz Viana Queiroz, também amigo de longas datas; Srª Presidente da Associação dos Magistrados (Amatra), Drª Andréa Presas; Sr. Presidente da Agersa, Carlos Henrique Martins, representando o governo do Estado nesta solenidade; Srª Esposa do proponente da sessão, Eleusa Coronel; Sr. Conselheiro da Federação das Indústrias Mário Costa Neto; Sr. Presidente da Cidade

da Luz, José Medrado; Sr. Conselheiro da OAB e esposo da homenageada, Dr. Humberto Valverde; Sr. Ex-Presidente da OAB de Camaçari, Dr. Ney de Sousa Cacim, também amigo de outras andanças; Sr^a Juíza Federal do Trabalho e homenageada, minha amiga Adriana Silva Nico, costume falar de improviso, mas resolvi, com a ajuda de minha esposa, escrever algumas linhas para homenagear a nossa querida amiga Adriana.

(Lê) “Adriana Nico nasceu em Goiânia/Goiás no dia 23 de abril de 1973, pesadinha, com quase 4 quilos, e medindo 50 centímetros. Sua mãe deve ter sofrido...

Até 1 ano e 8 meses viveu com seu pai, Florentino Nico (falecido) e sua mãe, Socorro, na ilha do Bananal, onde também residem os índios xavantes.

Sempre foi muito paparicada pelos bisavós e avós maternos, por ser a primeira neta da família! Com menos de 3 anos de idade começou a frequentar a escola.

Aos 5 anos ganhou uma irmã (Lucélia). E as travessuras começaram a aparecer, vejam como a futura doutora se portava com a irmã.

Adriana adorava transformar a irmã em sapo. Pedia para Lucélia fechar os olhos, que ela fazia uma mágica. Transformava a irmã em sapo e dizia que Lucélia não podia abrir os olhos, pois, caso contrário, jamais voltaria a ser humana. Lucélia saía chorando pela casa, com os olhos fechados, com medo, pois tinha virado um sapo!

Casos da futura Dr^a Adriana

Teve uma infância e adolescência feliz. Junto à natureza, com primos e amigos. Compartilhando de muitas emoções a exemplo de, no pasto da fazenda, 'tomar até carreira de Vaca Parida'.

Foi uma menina travessa.

Ainda adolescente, com apenas 16 anos de idade, Adriana passou para o curso de Direito na Universidade Federal de Goiás. Desde então, já possuía o sonho de ser juíza. Diga-se de passagem. foi uma ótima aluna.

Após a graduação, fez a especialização em Direito do Trabalho, tirando o primeiro lugar. Fez o curso com bastante êxito e, após três anos de graduada no curso de Direito, foi aprovada no concurso de juíza do trabalho. Quanto orgulho para a família, amigos e pessoas queridas. Além de tudo, uma juíza bastante nova!

A BAIANIDADE COMEÇOU A AFLORAR EM SUA VIDA:

No exercício da profissão, um belo dia, Adriana precisava fazer uma audiência em Luziânia, no interior de Goiás.

Naquele dia, havia um advogado que seria o primeiro a participar da audiência, mas, quando viu Adriana, quis ser o último. No outro dia, Adriana ligou para o advogado, com a desculpa de estar interessada numa máquina fotográfica que só existia em Salvador. Ele, como um bom baiano, logo entendeu que o interesse não era na máquina!

Depois de 3 meses, Adriana permutou com um colega e mudou-se para Salvador, na esperança de vivenciar esse grande amor, por esse homem baiano

chamado Humberto Graziano Valverde. O FIFINHO DE SUA VIDA.

É o destino!

Força do sangue baiano de sua mãe, Socorro, nascida em Barreiras, que pulsava mais forte em suas veias.

A partir daí, Adriana mudou sua história de vida.

Fez novos amigos, cativou muitas pessoas na sua nova cidade, ocupou seu espaço na magistratura, na sociedade baiana, e pautou sua vida na moralidade, no respeito, na dignidade, características herdadas e aprendidas com seus pais e compartilhada com seu Fifinho.”

De Abril de 1973 chegamos a 2009 onde muitas emoções aconteceram!

Em 24 de outubro de 2009, sua irmã Lucélia defendeu o Doutorado em São Paulo. Sonho do seu pai. Ver outra filha com título de Doutora.

No dia 13 de novembro de 2009, seu pai Florentino, desencarnou. Deixando muitas Saudades e um Legado de Sabedoria.

No dia 19 de dezembro nasce sua primeira filha, (nossa Neta por afinidade) Marcelinha. Enchendo os Corações de todos de Amor e Certeza de que a vida continua.

Dia 05 de junho de 2011 nasce a segunda Princesa da Família Nico Valverde. Robertinha! Tão encantadora quanta à primeira Princesa.

Também prometida para nosso Neto Benício Coronel, e já ocupando o espaço de Neta.

A DRA ADRIANA, PARA NÃO ESQUECER AS SUAS ORIGENS, CONVIDA AMIGOS PARA UMA NOITE REGADA A BONS VINHOS PARA QUE TODOS DEGUSTASSEM A FAMOSA GALINHADA GOIANA (ARROZ COM PEQUI MISTURADO COM GALINHA DESFIADA), AÍ VEIO O PROBLEMA...

ABAIANOU-SE TANTO QUE ESQUECEU DE COLOCAR A GALINHA NO ARROZ... E AINDA QUERIA A NOTA PELOS SEUS DOTES CULINÁRIOS... AO LONGO DESSES ANOS DE CONVIVÊNCIA GRAÇAS A DEUS ELA SE REDIMIU E SEMPRE SERVE LAUTOS JANTARES PARA SEUS CONVIDADOS. EVIDENTEMENTE INVOCANDO A CULINÁRIA GOIANA/MINEIRA.

Paralelo a tudo isso, Adriana esteve à frente quando da implantação do projeto LEILOAR, projeto pioneiro de estímulo à quitação dos débitos trabalhistas. Com Leilões sendo realizados em várias Comarcas do Interior da Bahia. Sucesso total.

Hoje, a Dra. Adriana Nico Juíza da 2ª Vara de Camaçari está sendo Condecorada com o Título de Cidadã Baiana pela brilhante contribuição a Magistratura da nossa terra e pelo jeito Baiano de Ser. AGORA ADRIANA VIROU BAIANA!” (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido D. Maria do Socorro, o esposo Humberto e o deputado Ângelo Coronel para juntos entregarmos o Título de Cidadã Baiana à juíza Adriana Silva Nico.

(Entrega do Título de Cidadã Baiana à Dra. Adriana Silva Nico.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, terei que me ausentar e passar a presidência dos trabalhos ao meu querido amigo deputado Ângelo Coronel. Antes, porém, gostaria de dizer da alegria, da satisfação de ser o presidente da Assembleia Legislativa neste momento em que a Casa faz justiça à juíza federal que nasceu em Goiânia, mas vive neste momento na Bahia de Todos os Santos, na Bahia abençoada por todos os deuses, na Bahia maravilhosa.

Nascer em Goiânia foi decisão exclusiva de duas pessoas: do senhor seu pai e da senhora sua mãe, mas ser baiana é uma decisão de 15 milhões de pessoas, através dos seus representantes, os 63 parlamentares que fazem este Poder Legislativo. Portanto, é uma data especial para todos nós.

Aliás, quando o deputado Ângelo Coronel solicitou à Mesa Diretora e, posteriormente, aos nossos pares a aprovação do Título de Cidadã Baiana para Dr^a Adriana seu currículo tornou-se desnecessário tendo em vista que todos nós reconhecemos o seu trabalho profissional e o seu amor por esta terra.

Portanto, Dr^a Adriana, em nome deste Poder, a Casa das Leis, sentimo-nos honrados, neste momento, por entregar este título merecido.

O deputado Ângelo Coronel, deputado experiente, muito respeitado, muito querido por todos os pares conduziu a votação em que foi aprovado o seu nome por unanimidade.

Nascer na Bahia é uma dádiva de Deus. A Bahia de tantas figuras ilustres, a Bahia de Jorge Amado, a Bahia de Castro Alves, a Bahia de Anísio Teixeira, a Bahia de Cosme de Farias, a Bahia de tantas pessoas que fizeram esta história. A Bahia de Caetano, a Bahia de Gil, a Bahia de Ivete Sangalo, passa a ser, a partir de hoje, a Bahia de Dr^a Adriana Silva Nico.

Muito obrigado. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Convido para prestar uma homenagem à nossa nova baiana a Dr^a Andréa Presas, presidente da Amatra. (Palmas)

A Sr^a ANDRÉA PRESAS:- Bom-dia a todos.

Gostaria de cumprimentar a todos na pessoa da homenageada, a minha amiga querida Adriana Nico, e dizer umas breves palavras aqui para ficar marcado este dia tão importante em que agora ela se torna definitivamente baiana.

Estava eu a discutir ali com meu amigo Luís Viana sobre os efeitos deste título, se eles retroagiriam ou não. E que se retroagissem apenas confirmariam algo que a gente já sabe há muito tempo.

Adriana adotou a Bahia como sua casa há muitos anos, e adotou de uma forma

que se comporta como efetiva baiana. Até mesmo o seu vocabulário é o baianês.

Recordo-me que, há bastante tempo, eu e Adriana ingressamos na magistratura na mesma época. Eu, em Pernambuco, e ela, na 18ª Região, em Goiás, e não nos conhecíamos. Conhecia Humberto, meu amigo irmão desde os tempos da faculdade. E um belo dia, Humberto, namorador, chegou para mim e disse: “Minha amiga, minha irmã, encontrei a mulher da minha vida”. Eu perguntei: “Como assim?” Ele disse: “Fui fazer uma audiência em Goiás e lá chegando vi aquela juíza na mesa de audiência. Então disse: é essa a mulher.”

E a história todos vocês ouviram aqui, contada pelo deputado Ângelo Coronel, e aquilo foi verdade, mesmo. A Bahia, naquela época, começou a produzir máquinas fotográficas de altíssima qualidade. (Risos) Tanto que precisava que ela, lá, em Goiás, encomendasse a ele uma máquina fotográfica aqui. Essa foi péssima, não é? (Risos)

Depois disso o namoro engatou. E Adriana tomou uma decisão muito corajosa. Depois de, praticamente, 5 anos de magistratura ela pediu permuta para a Bahia. E recomeçou a carreira do zero. Essa é uma prova de amor. A partir de então, sua família só fez aumentar com essas duas princesas que trouxeram mais felicidade ao casal.

Pois é, minha amiga, para mim este título retroage ao dia do seu nascimento. Você sempre foi baiana. Parabéns por essa conquista e seja bem-vinda ao grupo do baianês.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Convido para prestar homenagem à nossa nova baiana o nosso presidente da OAB, Dr. Luís Viana Queiroz. (Palmas)

O Sr. LUÍS VIANA QUEIROZ:- Deputado Ângelo Coronel, na pessoa de quem saúdo todas as autoridades presentes na Mesa, todos os familiares e amigos presentes, sobretudo a família da Drª Adriana, farei uma rapidíssima manifestação da Ordem dos Advogados do Brasil, seção da Bahia, para dizer que, da sessão de ontem do nosso conselho, trago uma moção de aplausos e congratulações à Assembleia Legislativa e à nova baiana.

Deputado, nesta Casa do Povo, marcada pela gratidão do povo, é sempre bom estar aqui para receber, elogiar e homenagear Adriana, que agora é baiana – como você mesmo disse –, e dizer que concordo plenamente com Andréa: a gente é o que é, pelo que a gente sempre foi.

Alexandre Kojève, um dos maiores especialistas em Hegel, um russo, no começo do Sec XX, ao falar da alteridade, disse: “A humanidade se instaura no desejo do desejo do outro; não no desejo do outro. O desejo do outro coisifica o outro, a humanidade se instaura na alteridade, no desejo do desejo do outro.”

E hoje a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia dá uma prova disso, do desejo do desejo de Adriana, que não é baiana a partir de hoje – permita-me dizer na presença de sua família, de sua mãe –, você sempre foi baiana. Hoje, você apenas

recebe o título formal que faz com que esteja junto conosco, nesta baianidade, para que possamos curtir essa situação inigualável, ao meu juízo, que é ser baiano.

Parabéns, em nome da Ordem dos Advogados do Brasil, à Assembleia Legislativa, a você especificamente, Adriana, à sua família e aos que acreditam que é possível ter uma Bahia com mais uma baiana ilustre como você. (Palmas)

Parabéns.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Convido para prestar sua homenagem o nosso amigo José Medrado.

O Sr. JOSÉ MEDRADO:- Isso foi a surpresa da surpresa. Não tinha a menor ideia.

Deputado Ângelo Coronel, presidente desta sessão, Adriana Nico, amiga querida, na pessoa de quem saúdo todos os presentes, já disse o poeta que ser baiano não é estado de nascimento, é qualidade de merecimento. Seguramente, Adriana não está apenas convalidando a sua alma, ela está oferecendo a nós, seus amigos, a oportunidade de saudá-la, como todos que aqui o fizeram antecedendo-me, como baiana. Caetano estava certo, Adriana: “Baiano não nasce, baiano estreia.” Permissa venia da presidente da Amatra, do presidente da OAB, mas sua estreia está sendo hoje verdadeiramente, não porque antes você não era baiana. Era sim, de natureza, de afabilidade, de doçura, de simplicidade, esse seu jeito negro, branco de ser, mas porque agora a Casa do Povo, como disse o presidente Marcelo Nilo, com os seus milhões de votos aqui carregados, está dizendo: você é baiana.

Muito obrigado por vir para a nossa trupe, para o nosso time. Muito obrigado a todos. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Representando os advogados que militam no município de Camaçari, quero convidar para fazer homenagem a nossa baiana Adriana Nico o ex-presidente da OAB, Dr. Ney Cacim.

O Sr. NEY CACIM:- Bom-dia a todos.

Quero saudar a Mesa na pessoa dos Exm^{os} Sr. Dr. Ângelo Coronel, meu dileto amigo deputado; Dr^a Adriana Nico, nossa homenageada, sintam-se todos saudados na Mesa e os demais aqui presentes.

Não tenho procuração para falar em nome dos advogados de Camaçari, vou fazê-lo por vontade própria. Dr^a Adriana, Camaçari se sente honrada em ter a senhora como juíza lá. Nós advogados apenas queremos dos juízes aquilo que a senhora nos dá: atenção, urbanidade no tratamento e decisão imparcial. Isso a senhora faz e o faz muito bem. Os advogados de Camaçari se sentem honrados por ter a senhora em Camaçari, esperamos que lá a senhora fique por muitos anos, porque será o melhor que temos em Camaçari.

Obrigado à senhora e parabéns.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Chegando quase ao finalmente, não poderíamos prescindir de ouvir as palavras do nosso conselheiro da OAB, esposo da nossa juíza Adriana Nico, para lhe prestar também homenagem, porque sei que será depois os dois sozinhos, mas acredito que em público também ele quer lhe prestar homenagem. (Palmas.)

O Sr. HUMBERTO VALVERDE:- Bom-dia a todos; bom-dia a minha amada esposa, este dia aqui certamente é um dia muito especial não só para ela, mas para toda a nossa família.

Bem, eu serei imparcial, se é que isso é possível, acho difícil. Não vou falar da Adriana a minha esposa, a minha companheira, Adriana mãe das minhas filhas. Vou falar da profissional Adriana, da mulher que conheço como poucos, devotada à sua profissão, que tanta gana e sacrifício devota a esse mister que é um mister certamente muito difícil, um mister solitário. O julgar, Dr^a Andréa, que preside a Amatra, certamente sabe, outros colegas juizes aqui presentes certamente sabem, é uma das atividades mais solitárias que existem.

Nós, advogados, graças a Deus, temos o privilégio de em nossas bancas ou nos corredores dos fóruns poder dividir as vitórias de uma causa ganha, dividir as vitórias de uma bela atuação na Corte. O magistrado muitas vezes não, ou, na grande maioria das vezes, não. Ele atua movido pela imparcialidade, ele atua em solitário, muitas vezes na solidão.

Acompanhei, nesses 13 anos, a devoção e o trabalho solitário, mas o trabalho digno e persuasivo da juíza Adriana Nico, que, ao chegar à Bahia, com todas as mudanças culturais no nosso Estado em relação a sua antiga cidade natal, já não erra mais, teve que se adaptar e rodar, por diversas vezes, presidindo o projeto Leiloar, fazendo leilões para estimular, para executar dívidas trabalhistas, para poder fazer quitação dos débitos e estimular a conciliação, na verdade essa, sim, a maior finalidade nos processos trabalhistas.

Teve oportunidade, nesse momento, de servir à Bahia nas suas mais diversas localidades e comarcas, rodando este Estado, distribuindo a justiça e empreendendo o seu trabalho.

Então, é sobre esse aspecto, sobre o aspecto não da minha amada esposa, não da mãe atenciosa, dedicada aos filhos, não da filha comprometida que é, mas, sim, da juíza Adriana Nico que, há 13 anos, devota com seriedade e empenho o seu irrestrito compromisso com a Justiça baiana.

Parabéns, Adriana. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Tenho a satisfação de passar a palavra a nossa conterrânea, juíza federal do Trabalho, Adriana Silva Nico. (Palmas.)

A Sr^a ADRIANA SILVA NICO:- Bom-dia a todos, as minhas saudações iniciais quero fazer na pessoa do proponente, deputado Ângelo Coronel, e, na pessoa dele, cumprimento toda a Mesa e os demais que, na verdade, não é apenas um representante do povo desta Casa, mas um grande amigo e uma figura que aprendi a respeitar e a amar, porque com a sua esposa Eleuza foi a família que me acolheu inicialmente na Bahia, tanto é que as minhas crianças, as meninas a chamam de Vó Leu. Sempre falo que tenho a alegria de, no condomínio que a gente reside, ter sido abraçada por essa família. Então, sinto-me aqui na condição de amiga, de filha e não só de homenageada.

Na verdade, esse discurso... Minha mãe disse ontem que eu já tinha virado baiana, mesmo, porque fui escrever ontem. Comecei às 13h27min, depois que as audiências terminaram lá em Camaçari. Não se assustem à medida que eu for virando as folhas, porque eu o coloquei em caixa bem alta para não me perder, mas pretendo ser breve.

Fiquei muito feliz com a oportunidade porque, é a primeira vez que vou poder falar sem o Humberto me interromper. Vai ser a desforra dos meus 40 anos. (Risos) Hoje ele vai ter que ouvir caladinho até o fim sem interromper um minuto, porque no meu último aniversário ele não me deixava falar de jeito nenhum.

Em uma sexta-feira, há 12 anos, eu cheguei aqui. Era uma sexta-feira 13, que não associo de forma alguma a azar. Até costume dizer que azar não é uma palavra que costume falar, no máximo que é uma falta de sorte. E, hoje, 12 anos depois, estou aqui tendo a honra de ser como vocês ao me tornar baiana.

Talvez, eu tivesse de ter vindo de branco, porque hoje é dia de Oxalá, dia do Nosso Senhor do Bonfim. Talvez, eu devesse vir de azul, segundo uma pessoa com a qual aprendi a respeitar muito, D. Raimunda, do Terreiro Ilê Axé Ogun Magé. Ela é uma senhora que tem uma verdadeira casa de avó em Paripe e acolhe os seus visitantes. Segundo ela, eu sou Iemanjá.

Como sou muito teimosa, com ela inclusive, eu vim de amarelo, de sol, de ouro, porque dizem que, nesta terra, todo mundo é de “Oxum, homem, menino, menina e mulher”. Então, vim de amarelo, porque, para mim, amarelo é ouro, é o sol, é a vitória. E o sentimento que tenho hoje, aqui, é exatamente este, qual seja, o sentimento de vitória, porque, plagiando o general e cônsul romano, eu sinto que vim, vi e venci.

Não pensem, meus amigos, mesmo dentro de um País com esta grandeza continental do Brasil, que mudar de um estado para outro seja fácil, porque, definitivamente, não é. A receita inicial da minha felicidade foi evitar comparações entre Goiás e a Bahia.

Vim para a Bahia ser feliz, e ponto final.

Ser aceita pelos amigos do marido, por um grupo de pessoas que se conhecem uma vida inteira, é um desafio. Começar em um tribunal novo, agora como última da fila de promoção, não é nada fácil. Mas e quanto a querer ser feliz? Ah! isso é uma

mola propulsora que, absolutamente, ninguém segura!

E essas adaptações renderam-me recordações que levarei para toda uma vida. Nunca vou esquecer o primeiro caruru para o qual fui convidada pelo amigo Dr. Paulo Henrique Marques, oferecido, há muitos anos, pelo seu pai e comemorado no escritório de advocacia Antônio José Marques Neto. A minha primeira reação foi pensar: gente, mas que povo mais esquisito! Como se faz uma festa para a gente comer só quiabo?! (Risos)

E quando vieram as lavagens?! Tenho de ser sincera, meus amigos, por admitir que a única ideia que associo à lavagem é com porco. Talvez seja culpa da minha origem goiana. Não entrava na minha cabeça como uma festa podia se chamar lavagem e, o pior ainda, era o que eu ia fazer nessa festa!

Candeal, Gueto, lá vou eu. Peguei a minha blusinha. O máximo que fiz foi dobrar a manga, botei tênis, meia, fiz um rabo de galo, aqui chamado de rabo de cavalo. E quando chego lá com Humberto, uma amiga dele me dá uma olhada, tipo olhar 43, me mede de cima abaixo e, no mínimo, ela deve ter pensado: quem é essa que acompanha Humberto?

Eu não entendia como as mulheres se equilibravam em saltos altos, saltos mortais, com seus cabelos lindamente arrumados e maquiadas, cheias de bijuterias. Não era para ver um show, dançar, pular?! Para mim, o jeito mais óbvio era ir vestida como eu estava. Foi, aí, que descobri a existência do verbo customizar.

Vieram muitas e novas descobertas. Um dia, o então sócio do Humberto, Artur Borba, virou para mim e me perguntou: “Você está criando cabelo?” Na mesma hora, imaginei uma horta cheia de cabelinho brotando. Falei: “Jesus, o que isso?”

Quando fui ao salão pela primeira vez na Bahia, a manicure perguntou se eu queria descarnar a minha unha. E a vontade que eu tinha era de sair correndo, porque achei que a “louca” ia arrancar meus dedos com alicate. E entender quando alguém dizia que regulava com alguém. Para mim, era para dizer que eu tinha a mesma idade. Para mim, quem regulava era o relógio. Aliás, o relógio é o centro de todas as atenções e de destaque na Bahia! Esperei uma hora de relógio. Deu o intervalo de uma hora de relógio! E há outra hora que não seja a de relógio?

Depois, fui entendendo e aprendendo mais um monte de coisas como as expressões: “perainda”, “maomenos”, “dar o zig”, “desopilar”, “ousadia” e “misericórdia!” São tantas as coisas que, agora, me fogem e há outras tantas para exemplificar, especificamente, as situações pelas quais passei.

Confesso aos senhores que não suporto o termo “rapaz”. Sujeito principal e único de todas as exclamações, frases e orações, principalmente, quando estou inquirindo as testemunhas. Inquiri: Quando o senhor trabalhou na empresa? Respondem-me: “Rapaz...” (Risos) Outra palavra que me irritava profundamente era a tal do “relaxe”! Aquilo me matava. E tenho ainda de confessar que só descobri o que era “quente-frio” no ano passado. (Risos)

Há outro legado da baianidade com o qual terei que conviver e já me dei por vencida: são os apelidos. A capacidade inventiva do baiano é, simplesmente, sensacional e inigualável. Não sei como um simples nome pode passar a ter tantas

variáveis de pronúncias e diminutos. Aqui, eu virei Ádri, Adri, Dri e Dica.

Quando comecei a namorar Humberto, ele tinha uma lista de animais na agenda telefônica extraordinária e começava por Sapo, passava por Zebra tendo um Bezerra e, até, um Golfinho Fliper também. Foi, aí, que descobri que o apelido Sarita referia-se a um homem de cabelo grande e o apelido Salsicha, todo mundo sabe, refere-se ao Dr. Rodrigo Martins.

Quando fiquei grávida, o meu maior dilema foi a escolha dos nomes. Já pensando nos apelidos que iriam colocar, brincava que ia colocar Hã! Queria ver quem iria diminuir o nome. Mas não tem jeito. Sempre se consegue. Como baiana, que agora sou, basta lhes dizer que conseguem chamar a minha cachorra Iaiá de Iá. Isso é incrível! Desisti.

Mas, voltando ao ato solene, para os senhores não pensarem que vieram para uma comédia, gostaria de registrar que fiz o caminho inverso ao da minha vó e ao da minha mãe. Elas saíram da Bahia, mais precisamente do Oeste baiano, de Barreiras e foram para Goiânia. Na verdade, com relação ao sangue baiano, eu já o carregava em mim.

E quanto à minha mãe aqui presente, só tenho a agradecer, simplesmente, por tudo que sou, pois, sem ela, eu não existiria. Quanto às noções de caráter, firmeza, ética, bondade, amor e dedicação à família, se eu as tenho hoje, devo todas a ela, minha mãe. Aliás, nunca conheci ninguém tão bondosa como a minha mãe. E, por isso, como um gesto de reconhecimento, peço a todos uma salva de palmas para a mulher da minha vida. (Muitas palmas) Mãe, eu te amo. E nunca vou esquecer a sua alegria no dia em que passei no vestibular ao abrir o portão lá de casa pra mim.

Da mesma forma, há outra lembrança que me seguirá toda a minha vida, qual seja, era a alegria estampada no rosto do meu pai no dia do resultado da prova oral de juiz do trabalho. Era o único pai presente no coquetel oferecido para os recém-aprovados na prova oral. A alegria dele era tamanha que iluminava a sua face. Nunca vou esquecer a sua imagem, pois ela vai ser emblemática para mim. Como também será emblemática para mim a lembrança dele no dia da minha posse ao me entregar e vestir a minha toga. Tenho certeza de que todos iríamos nos divertir muito se ele estivesse aqui. Mas os desígnios divinos reservados a ele foram outros.

Em que pese a minha toga ter-me alçado à condição de doutora, quero registrar que, na minha família, a única doutora, de fato e de direito, que existe é a minha irmã Lucélia, pois ela doutora em saúde pública pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, USP. Faço este registro com muito orgulho, sobretudo em um País que, muitas vezes, a simples cor de nossa pele nos confere uma condição acadêmica inexistente.

Foi na condição de juíza que vim para a Bahia, permutada.

Egressa do mais maravilhoso de todos os Tribunais Regionais do Trabalho desse país, o da 18ª Região, Goiás.

Um Tribunal que para mim era uma grande família.

Um Tribunal onde eu sou conhecida, reconhecida e, acima de tudo, muito

respeitada, ainda hoje.

Recém-chegada ao TRT da 5a Região, em setembro de 2002, tive a infelicidade de no ano de 2003 ter sido diagnosticada com fibromialgia, o que me rendeu quase dois anos em cima de uma cama e uma carreira iniciada em 1998, muitíssimo abalada pela ignorância e o desconhecimento da doença por parte de alguns "não tão" nobres colegas de profissão, ressalvadas importantíssimas exceções.

A fibromialgia, hoje muito falada e conhecida, há dez anos era de total desconhecimento no Brasil.

Uma dor invisível, que aplaca o corpo, a alma e o coração, sobretudo pela incompreensão dos nossos iguais.

A dúvida quanto a real existência do sofrimento alheio, é uma dor mais cruel do que a vivenciada pela própria doença.

Registro aqui a solidariedade prestada por Fátima Stern, então presidente da Amatra 5, que em dada oportunidade pegou todos os meus processos de execução juntamente com seu assistente Edivaldo para me ajudar e também um dos gestos mais lindos, mais humano, mais solidário que eu já vivenciei, prestado por minha então colega Ilka Eliane de Souza Tavares, que hoje é juíza em Pernambuco, que se simplesmente pegou um avião em Recife, desceu no aeroporto em Salvador, pegou todos os processos que estavam conclusos comigo para sentença e embarcou novamente.

São gestos como estes que me fazem ver a beleza do ser humano e, desse período, ficar essa linda lembrança.

É preciso saber contemplar a beleza da Flor de Lótus que nasce do lodo.

O resto, como o próprio nome diz, é o resto. Nada mais.

A minha Flor de Lótus floresceu em um projeto sensacional, desenvolvido pelo TRT da 5a Região, sob a então presidência do Excelentíssimo Desembargador Roberto Pessoa, denominado Projeto Leiloar, nos idos de 2005.

O Projeto Leiloar visava a efetividade da execução trabalhista, realizando leilões de bens imóveis, móveis e semoventes que foram penhorados.

Um verdadeiro divisor de águas.

O primeiro leilão realizado no Centro de Convenções da Bahia, promoveu algo inusitado: mais de mil autos de processos físicos foram levados até o local.

A iminência da perda do bem, promoveu quitações de dívidas, realizadas de acordos, enfim, de alguma forma a execução era solucionada, finalmente.

A ideia do projeto era extraordinária e por ela me apaixonei, principalmente porque brinco que o processo começa – de verdade - na execução.

Sentença não executada é letra morta!!!

Expectativa de crédito não é justiça para o trabalhador!!!

Na época, muito foi incorporado das experiências do Tribunal Regional do Trabalho da 13a. Região, o qual visitei, juntamente com a equipe do Leiloar.

Pessoas que direta ou indiretamente estavam ligadas a ele: Ana Cecília Amoedo, Tarcísio, Jaqueline, Manoel, Gal, Rejane, Edson, Nairan, Nicole, Marcos, Lea, Carlão, Rosa.

Vocês moram eternamente em meu coração!

Registro aqui uma pessoa de grande importância para o sucesso do Projeto Leiloar, que merece ser reconhecida pelo seu empenho, dedicação, trabalho árduo e muitas vezes arcando com prejuízos que, a rigor, deveriam ter sido suportados pela União: o leiloeiro Oficial Arthur Ferreira Nunes. A ele, meu profundo respeito e reconhecimento pelo trabalho de excelência na divulgação, condução e realização dos leilões do TRT da 5ª região.

Acredito que atuando no Projeto Leiloar, tive a oportunidade de conduzir quase uma centena de leilões.

Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Eunápolis, Barreiras.

Quantas viagens, quanto aprendizado, quanta efetividade dada, de fato, às execuções trabalhistas, conhecendo a realidade regional de cada um desses polos e a imensidão do Estado baiano. Horas, muitas horas de viagem...

Com o término do biênio conduzido pelo Dr. Roberto Pessoa, solicitei ao Excelentíssimo Desembargador Paulino César Martins Ribeiro do Couto que me oportunizasse continuar atuando junto ao Projeto Leiloar, o que para minha alegria, foi concedido.

Passei então a ser a Juíza Coordenadora e Supervisora do Projeto Leiloar, conduzindo por mais 2 anos a realização de todos os leilões da Justiça do Trabalho em todo o Estado da Bahia.

Nesse período, desenvolvi uma cartilha com o intuito de ensinar ao cidadão participante dos leilões como arrematar, os procedimentos e trâmites da execução, em uma linguagem fácil e acessível.

Aliás, a importância da linguagem fácil e acessível foi algo que aprendi, na prática, quando atuei brevemente, logo quando aqui cheguei, em um programa semanal da Rádio Excelsior...” – está vendo, Medrado, já fui sua colega – “(...) a convite do Juiz de Direito Eduardo Caricchio, através do qual eu tirava dúvidas trabalhistas ao vivo dos ouvintes.

Que me perdoe Rui Barbosa, mas, a meu ver, o juiz cumpre seu papel social quando se faz entender aos mais humildes. Não adianta falar e não ser compreendido. As dúvidas permanecem.

Ainda em relação ao Projeto Leiloar, passei a ministrar cursos de arrematação.

Inúmeras foram as entrevistas nos meios de comunicação: rádio, jornal, televisão. Sinto imenso orgulho de ver meu nome estampado em inúmeros resultados de busca no google, atrelado ao Projeto Leiloar. Me perdoem a total falta de modéstia.

Surtiu então a minha ideia de inscrever o Projeto no Prêmio Inovare, uma das premiações mais respeitadas da Justiça brasileira, que premia e divulga práticas

inovadoras do Poder Judiciário, sendo que pela primeira vez, no ano de 2009, um tribunal ficou entre os finalistas.

Por fim, ainda na gestão do Dr. Paulino, fui conhecer a central de execuções do TRT da 2ª Região – SP, tendo posteriormente elaborado um estudo para a implantação de uma central de execução aqui em nossa regional.

Com o término do mandato do então presidente Paulino Couto, em 2009, encerrei minha atuação junto ao Projeto Leiloar, já grávida da minha primeira filha, Marcela, e findo esse ciclo – em relação costumo sempre dizer que saí do Projeto Leiloar mas o Projeto Leiloar não saiu de mim –, passei a me dedicar a minha nova carreira concomitante à de Juíza, mas muito, muito mais importante e realizadora: a de ser mãe.

Eu sempre digo que não sou uma Juíza que é mãe. Eu sou uma Mãe que também é Juíza.

Ser Juíza não é, nunca foi e – jamais – será a prioridade da minha vida. A minha prioridade chama-se família, o que acredito em – absolutamente nada – diminuir a importância da minha profissão.

Aliás, a magistratura deve ser repensada por muitos que a ocupam, talvez, me desculpem a ousadia, de forma indevida.

Nunca vou esquecer as palavras do então Ministro do Tribunal Superior do Trabalho – Luciano Castilho – um dos homens mais educados que tive a oportunidade de conhecer: 'O Juiz deve ser o mais humilde dos servidores', e nessas palavras sempre tentei pautar minha atuação profissional.

Eu não concebo a figura do Juiz ríspido, mal-educado, proprietário, latifundiário da Vara na qual atua, detentor da certeza absolutista de ser o próprio Deus, e a pior das condutas profissionais: ser legislador dos próprios códigos civis, processuais e trabalhistas, não enxergando na figura do advogado, uma profissional do direito, que atua ao seu lado, como colega digno.

A magistratura não é mais importante do que nenhuma outra profissão. Ela é digna, como todas as demais.

Não é exclusiva da adjetivação que tentam imprimir do sacerdócio. Há sacerdócio maior, em um país como o nosso, do que ser professor de escola pública?

A magistratura faz parte da minha vida mas não é a minha vida.

E tenho a absoluta certeza e convicção, de que sou vocacionada para o que faço, procurando desempenhar minha profissão da melhor forma possível, ao longo de 16 anos, sendo que destes, os últimos dois, novamente como Juíza Auxiliar em Camaçari.

Para aqueles que militam na Justiça do Trabalho, é sabido que Camaçari representa uma das Varas mais pesadas em termo de volume e complexidade de trabalho, em decorrência de toda a particularidade do Polo Petroquímico.

Não é qualquer juiz que quer ir ou então - permanecer – em Camaçari. Aliás, muito poucos.

Mas tenho que confessar que eu simplesmente AMO Camaçari. Vou todos os dias para o trabalho dando graças a Deus por estar em Camaçari.

Sou plenamente realizada trabalhando em Camaçari.

Eu costumo brincar que o Juiz em Camaçari tem que ser um pouco químico, engenheiro, metalúrgico, médico.

São tantas novas informações, que a atividade judicante torna-se extremamente prazerosa, afastando por completo a monotonia.

Aliado a todos esses fatores, há uma condição sine qua non para a qualidade de vida no trabalho em Camaçari: a relação com os advogados.

Nossas audiências são leves, prazerosas, engraçadas, divertidas", recentemente tivemos até um mágico, "e, na medida do possível, pontuais e objetivas.

A vida me ensinou a importância de ser grata as pessoas. A gratidão é um dos sentimentos mais lindos que pode existir.

Por isso, agradeço imensamente ao meu distintíssimo colega Benilton, que me oportunizou a chance de mostrar o meu trabalho.

Sou eternamente grata a Hildo por fazer valer a minha antiguidade, no processo de escolha do juiz auxiliar, quando então diretor da 2a. VT de Camaçari" que intercedeu diretamente junto ao juiz Eduardo Sames.

"E sou devedora eterna de Oscar, meu assistente, sem o qual seria humanamente impossível dar cabo de todo o trabalho que Camaçari demanda.

Na pessoa de Israel, atual diretor da Vara, agradeço a todos do TRT que atuam em Camaçari e, na pessoa da Dra. Vanusa Berbert, rendo minhas homenagens a advocacia altamente qualificada em termos profissionais e humanos, que milita, ao meu lado, cotidianamente.

A vida, é como um teatro grego, cheia de máscaras que nos permite atuar como diferentes personagens.

A minha máscara de juíza é retirada ao término das audiências.

A partir daí, sou a Adriana ou qualquer um daqueles apelidos que passei a ter.

Então os senhores podem perguntar: essa é a sua contribuição para a Bahia? Isso que foi falado, respalda o título?

E ao longo de muitos dias, eu fiquei pensando na resposta, desde que soube da indicação do meu nome. Aliás, quando fui comunicada, a minha felicidade foi imensa e absoluta!!! Como eu me senti feliz!!!

A minha vinda para a Bahia, como muitos sabem, é uma história de Amor. História de Amor à primeira vista.

Conheci o Humberto, em mesa de audiência, no interior de Goiás, precisamente na cidade de Luziânia, entorno de Brasília, em fevereiro de 2002.

Exatos um mês e quatorze dias estávamos noivos e, em setembro do mesmo ano, eu já havia permutado para o TRT da 5a. Região.

Depois falam que baiano é devagar...

Aliás, na Bahia e com o Humberto, eu fui descobrindo inúmeras coisas, entendendo várias outras e desmistificando outras tantas.

Eu aprendi o verdadeiro sentido daquele relaxe, que lá no começo desse discurso eu disse que me matava. E eu descobri que se eu não mudasse, eu é quem iria me matar, com essa angústia que a forma de como se lidar com o tempo, nos traz em nossa atualidade.

- De preguiçoso, o baiano não tem nada. Muito pelo contrário. É um povo dos mais trabalhadores que conheço.

- O que as pessoas não entendem e aquilo falo sério, é o ritmo como as coisas acontecem, a forma de viver. E o baiano sabe viver como ninguém!!!

- Aprendi a ser mais leve. A relaxar.

-Tenho convicção que ganhei mais alguns anos de vida.

- Mas voltando a minha história de amor, foi por ela, ou melhor, foi por ele pelo Humberto - estritamente em função dele, que eu deixei tudo para trás e vim para a Bahia.

- A surpresa das pessoas em Goiânia foi tão grande, que o então Presidente do TRT da 18ª Região, à época. Dr. Platon de Azevedo Filho, me chamou para conversar e me perguntou se era isso mesmo que eu queria.

- Eu nunca tive dúvidas, tampouco arrependimentos.

- Falar do Humberto, para quem o conhece, não é difícil.

- É um dos melhores sujeitos que eu conheço.

- Irritantemente simpático!

- Extremamente diplomático.

- Eu falo que o dia que nós descobrirmos vida fora da Terra, ele deveria ser o enviado da ONU para essa missão interplanetária.

- Mas, brincadeiras à parte, o Humberto é o meu porto seguro, é minha Paz, minha Alegria, é meu Companheiro, meu Homem, meu Marido, Pai das minhas filhas - Marcela e Roberta O AMOR da minha vida.

-É um dos homens mais admiráveis que já conheci, Integro, dedicado, extremamente ponderado.

- Tudo, por ele, em função dele, valeu, vale e sempre valerá a pena.

- Em virtude desse Amor que eu sinto pelo Humberto, eu vim para a Bahia.

- Como fruto desse Amor pelo Humberto, eu oferei duas filhas para a Bahia.

- Por esse Amor pelo Humberto, eu dei a minha vida para a Bahia.

- E essa é a resposta a que cheguei e pela qual estou convicta em poder receber dignamente honroso reconhecimento.

- Dentro do meu peito bate um coração Goiano,

- Mas minh'alma, pertence à Bahia.

Muito obrigada!

(Não foi revisto pela oradora.)

Muito obrigada. (Palmas, muitas palmas.)

E agora como baiana que sou, convido todos a comer água! (Risos)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- O que uma máquina Kodac não faz, gente! (Risos)

Convido a todos os presentes para ouvirmos o Hino da Bahia.

(Execução ao Hino Ode ao Dois de Julho.)

O Sr. PRESIDENTE (Ângelo Coronel):- Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença dos parlamentares, autoridades civis e militares, dos amigos e das Sr^{as} e Srs. da Imprensa.

Aproveitando a oportunidade, a Dr^a Adriana convida todos para um coquetel no Salão Nobre. E também convida os que quiserem participar do almoço de adesão que acontecerá no restaurante Boi Preto.

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.